

COISAS
DA

VIDA

CINEMA
CINQUENTA ANOS DEPOIS DE LANÇADO, O MUSICAL *CANTANDO NA CHUVA* SE MANTÉM
NA LISTA DOS DEZ MELHORES FILMES NORTE-AMERICANOS DE TODOS OS TEMPOS
PÁGINA 6A OPÇÃO POR CONSULTAR OUTRO PROFISSIONAL PODE SER UM JEITO DE
FORTALECER A RELAÇÃO ENTRE O MÉDICO E O PACIENTE E TRANQUILIZAR
OS DOENTES NA BUSCA DO MELHOR DIAGNÓSTICOO DIREITO À
DÚVIDADa Redação
Com Zero Hora

A impressão de que o diagnóstico ou o tratamento dado pelo médico pode estar equivocado é uma reação muito comum, principalmente em quem recebe notícias negativas sobre sua saúde. Há pacientes que, por mais que confiem no *doutor* de anos, preferem ouvir um outro especialista. "Sempre que o médico me encaminha para alguma cirurgia, procuro ouvir uma segunda opinião", diz a funcionária pública Juhan Cury, de 59 anos.

Juhan toma esse cuidado há décadas. "Quando meu filho era pequeno, o médico pediu uma cirurgia de garganta. Mas procurei outro médico, que indicou tratamento clínico com antibióticos. Hoje, meu filho está com 39 anos e não tem nada", comemora a cautelosa moradora de Águas Claras.

Os cuidados não param por aí. Há dois anos, Juhan sentiu dor no joelho. Procurou vários ortopedistas e nada de resolver o problema. Um deles chegou a garantir que era caso de cirurgia. "Fiquei muito preocupada e, como sempre, procurei outro médico. Ele disse que não precisava ser tão drástico assim", lembra. Depois de alguns exercícios e injeções "caríssimas", Juhan melhorou. Não chegou à cura total, mas o problema não impede que ela leve uma vida normal.

Situações como essas, que envolvem a tomada de decisões importantes — como uma cirurgia muito arriscada —, podem e devem requerer uma segunda opinião, ou mais. O que alguns médicos podem ver como manifestação de desconfiança em sua competência profissional é um direito do paciente, assegurado pelo Código de Ética do Conselho Federal de Medicina (CFM).

Está no artigo 64 do documento: é vedado ao médico opor-se à realização de conferência médica pedida pelo paciente ou responsável legal. Assim, se existe dúvida sobre o diagnóstico e sobre o tratamento, o médico deve aceitar a formação de uma junta médica para avaliar o caso.

O cirurgião Fernando Weber Matos, do Conselho Regional de Medicina do Rio Grande do Sul, explica que, nesses casos, é formada uma junta com três outros especialistas, que analisam o quadro e elaboram um documento final apontando a melhor opção. Os custos de um procedimento como esse, no entanto, tendem a ser altos. Por isso, é mais comum que o profissional com dúvidas estimule o paciente a procurar outro médico, ou procure ele mesmo um especialista de sua confiança e discuta como agir.

O contrário é que não pode acontecer. Ou seja, ninguém é obrigado a ouvir a segunda opi-

nião. Alguns planos de saúde exigem que o paciente passe por uma perícia médica em caso de cirurgia e indicam, inclusive, o médico perito. Não podem. "A iniciativa de buscar uma segunda opinião deve partir do próprio paciente. O livre arbítrio dele está acima de qualquer coisa", diz Luiz Fernando Salinas, presidente do Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal.

Como coordenador do Programa de Atenção aos Problemas de Bioética do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), o gastroenterologista Carlos Francesconi, informa que na maioria das vezes as pessoas pedem para ouvir uma segunda opinião porque estão inseguras quanto a questões que podem interferir em suas rotinas ou mudar para sempre suas vidas. "Uma decisão difícil como a retirada de um órgão, por exemplo, representa um grande trauma para o paciente. É natural que ele queira ter certeza absoluta de que essa é a melhor opção", salienta.

A suspeita de um tumor no rim fez com que a publicitária gaúcha Vanessa Slongo, 26 anos, passasse por vários especialistas antes de se decidir pela retirada de um rim, há um mês. A peregrinação começou em março de 2001, quando fez um exame de rotina para monitorar um problema no intestino. O profissional que fez a ultra-sonografia detectou anormalidades no rim esquerdo e sugeriu que Vanessa investigasse o caso. Ela levou os exames a sua médica, que a encaminhou a um nefrologista. Este, por sua vez, reconheceu que o problema não era sua especialidade e a publicitária acabou no consultório de um urologista. O profissional analisou os exames e concluiu que o rim deveria ser retirado. O médico ainda enviou os resultados a um profissional de sua confiança em Nova York, nos Estados Unidos, que confirmou o parecer.

Em seguida, uma junta médica convocada pelo urologista decidiu pela retirada do rim. Vanessa não se conformou e procurou outro profissional e fez novamente todos os exames. Confirmou-se a necessidade de extração do órgão. Só então, Vanessa foi submetida a uma cirurgia para retirá-lo.

DICAS PARA OS PACIENTES

- Não saia do consultório com dúvidas. Faça anotações e pergunte sobre vantagens e desvantagens do tratamento proposto
- Exija respostas claras e objetivas às suas perguntas
- Vá à consulta com alguém em quem confia
- Não sinta vergonha de pedir as credenciais do médico, caso tenha alguma dúvida em relação a isso
- Peça ao médico para explicar com detalhes os resultados de exames laboratoriais ou clínicos
- Exija que a receita seja escrita de forma clara e legível
- Não se constranja em pedir uma segunda opinião. Isso é um direito do paciente
- Você tem direito de recusar certos tratamentos, medicamentos e intervenções cirúrgicas

■ É direito do paciente ter acesso ao prontuário médico

■ Se você tem condições de responder por seus atos e não nomeou nenhum representante legal, a decisão sobre qualquer procedimento em seu corpo é sua

Fonte: Os Direitos do Paciente, de Christian Gauderer, editora DP&A

QUANDO PROCURAR
OUTRO PROFISSIONAL

- Se você quer conhecer outras opções de tratamento para o seu caso
- Caso a prescrição do seu médico tenha risco significativo para sua vida
- Se o tratamento indicado irá alterar o seu estilo de vida, o seu trabalho e atrapalhar a família
- Quando quiser ouvir mais a respeito de sua doença ou tratamento antes de tomar uma decisão séria

■ Se o seu convênio não cobre o exame ou a cirurgia indicada por seu médico

Fonte: Instituto do Coração (Incor)

RECOMENDAÇÕES AOS MÉDICOS

- Ouça com atenção e empatia todas as queixas do paciente e parentes
- Responda com clareza, objetividade e sensibilidade a todas as perguntas e mantenha-se disponível para outros questionamentos adicionais
- Não espere um comportamento padronizado. Cada paciente terá reações individualizadas
- Explique em linguagem simples e afetiva o que está ocorrendo e como será encaminhada a solução do problema
- Aceite a busca de outra opinião pelo paciente

■ Não se ofenda nem fique inseguro se o paciente manifestar o desejo de consultar outro profissional

■ Tenha consciência dos limites de suas capacidades. Se você não domina um assunto, encaminhe o paciente para outro profissional

■ Se isso for possível, informe previamente ao paciente as prescrições e procedimentos usados para tratar seu problema

■ Não destrua ou estimule os mecanismos de defesa do paciente

■ Trate a doença de forma espontânea e natural, inserindo o tratamento no cotidiano do paciente, estimulando a formação de uma rotina assistencial descontraída, leve, porém responsável

Fonte: James Fleck, chefe do Serviço de Oncologia do HCPA e professor dos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

